

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

SANDRA MARQUEZ

**CURRÍCULO E METODOLOGIA DA EJA:
UMA QUESTÃO EM RECONSTRUÇÃO**

São Leopoldo, dezembro de 2010

SANDRA MARQUEZ

CURRÍCULO E METODOLOGIA DA EJA: UMA QUESTÃO EM RECONSTRUÇÃO

Trabalho apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia Modalidade a Distância da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Tania Beatriz Iwaszko Marques
Tutora: Denise Severo

São Leopoldo, dezembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Thiago e Thaia, pela ajuda, compreensão, amizade, incentivo e companheirismo que tiveram comigo nestes quatro anos de curso;

Aos meus pais Elbio e Maria Francisca (*in memoriam*) que, por um ato de amor e pensando na minha formação, permitiram a minha adoção;

Aos meus pais Bier e Gilda que me receberam com muito amor, carinho e me deram a minha formação escolar, mas principalmente a formação ética e moral que tenho hoje;

Às minhas amigas e colegas de escola em São Leopoldo, pelo apoio e auxílio nos momentos em que necessitei;

À Escola Municipal Lourdes Fontoura em Sapucaia do Sul onde realizei meu estágio;

À minha orientadora Tania e tutora Denise que em todos os momentos que necessitei delas se fizeram muito presentes, muitas vezes só ouvindo ou lendo minhas queixas, e me orientando em tudo que foi necessário.

*“Embora ninguém possa voltar atrás
e fazer um novo começo,
qualquer um pode começar agora
e fazer um novo fim.”*

(Chico Xavier)

RESUMO

Este trabalho procura refletir sobre a metodologia, currículo, público e postura dos docentes da Educação de Jovens e Adultos/EJA. Esta reflexão foi realizada por meio de uma busca da história da EJA no Brasil e suas perspectivas futuras. Assim, é possível relacionar a realização do estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lourdes Fontoura da Silva na cidade de Sapucaia do Sul com as etapas iniciais no primeiro semestre deste ano de 2010. Percebi, ao longo do estágio, a necessidade que se faz presente de se rever e reelaborar o currículo e a metodologia da EJA, a fim de buscar uma melhor formação e informação para os alunos e com isto maior interesse e participação dos mesmos nas atividades curriculares destas etapas. Durante a realização do estágio, percebi que o universo da EJA está muito estanque. Observam-se professores realizando atividades iguais às realizadas com o currículo regular, ou seja, por muitos momentos as aulas são infantilizadas. A educação é de maneira bancária e contrária a tudo que aprendemos e construímos durante a formação acadêmica, uma educação inclusiva e democrática. Início o trabalho relatando um pouco da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, buscando o seu contexto histórico, cultural e social. Apresento as diversas modalidades de ensino que se fizeram presentes e a evolução destas ao longo do tempo. É feita uma análise do currículo da EJA, pois o que me foi apresentado pela instituição para desenvolver com os alunos, me pareceu fragmentado e sem vínculo com a realidade dos mesmos. A metodologia apresentada pela escola entra em conflito com os estudos desenvolvidos, visto que na educação atual estamos priorizando a aprendizagem por projetos. O perfil do professor da EJA entra em discussão, visto que o aluno desta modalidade de ensino é bem diferente do ensino regular e com isto se faz necessário um professor com um perfil diferente: dinâmico, atualizado, inovador, construtor, desafiador, questionador, respeitando a diversidade que se faz presente. Para finalizar, destaco quais são as tendências para a EJA com relação a currículo e metodologia, tendências que não serão uma afirmação, mas propostas para a Educação de Jovens e Adultos, já que este não é um campo fechado. Está sempre em constante reflexão, reelaboração e construção.

Palavras chave: currículo; aluno; professor; metodologia de ensino; Educação de Jovens e Adultos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	8
CURRÍCULO DA EJA	11
METODOLOGIA DA EJA	15
PERFIL DO PROFESSOR DA EJA.....	20
TENDÊNCIAS A NÍVEL DE CURRÍCULO E METODOLOGIA.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui desenvolvido terá um enfoque de observação, reflexão e análise diante da metodologia, currículo, público e postura dos docentes da Educação de Jovens e Adultos/EJA. Esta reflexão será realizada fazendo uma busca da história da EJA no Brasil, procurando as mudanças que ocorreram, se ocorreram, e quais as perspectivas futuras. Assim, é possível relacionar a realização do estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lourdes Fontoura da Silva na cidade de Sapucaia do Sul com as etapas iniciais no primeiro semestre deste ano de 2010.

Percebi, ao longo do estágio, a necessidade que se faz presente de se rever e reelaborar o currículo e a metodologia da EJA, a fim de buscar uma melhor formação e informação para os alunos e com isto maior interesse e participação dos mesmos nas atividades curriculares destas etapas.

Durante a realização do estágio, percebi que o universo da EJA parece estanque, parado no tempo. Observam-se professores realizando atividades iguais às realizadas com o currículo regular, ou seja, por muitos momentos as aulas são infantilizadas. A educação é de maneira bancária e contrária a tudo que aprendemos e construímos durante a formação acadêmica, uma educação inclusiva e democrática.

Segundo Freire (1996, p. 74), uma educação democrática não deve vir vinculada ao poder, mas, sim, agregada a situações que promovam um saber crítico e questionador.

No primeiro capítulo, inicio o trabalho relatando um pouco da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, buscando o seu contexto histórico, cultural e social. Além disto, apresento também as diversas modalidades de ensino que se fizeram presente e a evolução destas ao longo do tempo.

Partindo deste contexto, também é feita uma análise do currículo da EJA, pois o que me foi apresentado pela instituição, para desenvolver com os alunos, me pareceu fragmentado e sem vínculo com a realidade dos mesmos, vindo contra ao que foi desenvolvido no decorrer da minha formação acadêmica.

A metodologia é outra questão focada, pois a apresentada pela escola de atuação entra em conflito com os estudos desenvolvidos, visto que na educação atual estamos priorizando a aprendizagem por projetos.

O perfil do professor da EJA entra em discussão também, visto que o aluno desta modalidade de ensino é bem diferente do ensino regular e com isto se faz necessário um professor com um perfil diferente: dinâmico, atualizado, inovador, construtor, desafiador, questionador, respeitando a diversidade que se faz presente.

Para finalizar, após as colocações e reflexões apresentadas, destaco quais são as tendências para a EJA com relação a currículo e metodologia, tendências que não serão uma afirmação, mas propostas para a Educação de Jovens e Adultos, já que este não é um campo fechado está sempre em constante reflexão, reelaboração e construção.

CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Em pesquisa realizada junto ao site do MEC, faço neste capítulo um pequeno relato de como se deu a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

A Educação de Jovens e Adultos tem início no período do Brasil Colônia, mas sua referência era de educação para a doutrina religiosa, tendo mais um caráter religioso do que educacional. Na década de 30 inicia-se o sistema público de educação, quando a sociedade passava por transformações vindas da industrialização e maior concentração da população nos centros urbanos.

Em 1945, com o fim da ditadura Vargas e o fortalecimento da democracia no país, percebe-se o alto índice de analfabetismo, fator este que não era favorável ao período que se iniciava, ou seja, período de eleições. Como este momento não era exclusivo ao Brasil, e recém tinha se formado a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), inicia-se uma campanha entre os países integrantes de se educar os adultos analfabetos. Em 1947 temos a 1ª Campanha de Educação de Adultos que tinha como proposta uma alfabetização rápida, em três meses, e um curso de sete meses em duas etapas para capacitação profissional e comunitária, e foi neste período que realmente tiveram início as políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos.

No final da década de 50 e início de 60 entra em cena o educador Paulo Freire com seu método de alfabetização que é referencial até os dias de hoje e que está assim constituído: etapa de investigação que é a busca das palavras que fazem parte do universo vocabular do aluno; etapa de tematização que consiste na análise dos

significados sociais das palavras registradas; etapa de problematização, que é o momento em que o professor desafia o aluno a ter uma postura e visão crítica do mundo em que está inserido.

É na década de 60 que também ocorrem vários movimentos para esta modalidade de ensino como Centros Populares de Cultura/CPC, Movimento de Cultura Popular/MCP, Movimento de Educação de Base/MEB, Campanha “de pé no chão também se aprende a ler”.

Após um período de grandes avanços, temos o Movimento Brasileiro de Alfabetização/MOBRAL, movimento que fazia restrições a Paulo Freire, criado pela Lei n. 5.379 de 15 de dezembro de 1967. A educação tinha o foco de desenvolvimento de mão de obra para o trabalho e vinha com o objetivo também de erradicar o analfabetismo, mas não teve muito sucesso, de acordo com as estatísticas apresentadas posteriormente. O MOBRAL teve sua erradicação em 1985.

Seguindo com suas mudanças, na década de 90 também se fazem presente outras propostas, como o Ano Internacional de Alfabetização (1990), cujo objetivo era erradicar o analfabetismo em 10 anos. O Governo lança o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania/PNAC. É apresentada a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que, em seu contexto, traz muito forte a preferência pelos cursos e exames supletivos para a EJA. No final desse período temos a Elaboração do Plano Nacional de Educação para todos e tem início também a V Confinteia/Conferência Internacional de Educação de Adultos, encontro que tem como foco a discussão das políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos.

Percebo nesta pesquisa histórica que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil sempre teve um foco político, muitas das mudanças, movimentos e projetos que surgiram envolvendo a EJA nestes anos tinham como objetivo a erradicação do analfabetismo a fim de favorecer aos momentos vivenciados pelas políticas públicas.

Em poucos momentos a preocupação se dá com relação à educação dos jovens e adultos que necessitam de uma formação.

CURRÍCULO DA EJA

Um dos fatores que chamou a atenção durante a realização do estágio foi o currículo, que me foi entregue pela escola, e que é igual para toda a rede de Sapucaia do Sul, independente da área de abrangência da escola, e o seu público. Faço neste momento um breve relato de como está constituído.

Quanto ao objetivo geral: Proporcionar ao educando o aprendizado da leitura, da escrita, do raciocínio lógico matemático e o desenvolvimento psicomotor, considerando sua história de vida e a compreensão da realidade para uma melhor qualidade de vida, ampliando assim sua visão de mundo no tempo e no espaço e com isto resgatando sua autonomia para o exercício da sua cidadania plena.

Quanto aos objetivos específicos: Conhecer o alfabeto e utilizá-lo na construção de sílabas e palavras, identificar vogais e consoantes, produzir frases lógicas, contextualizadas ou não; ler e compreender palavras, frases, pequenos textos, imagens ou símbolos; reconhecer os diversos tipos de letras fazendo uso de diversas fontes: conhecer e identificar os numerais, ordinais e cardinais; construir e representar as formas geométricas; realizar atividades de adição e subtração; mental ou por escrito; revisar sua história, valorizando as experiências de cada um; identificar as diferentes configurações familiares; reconhecer o ambiente que o cerca; conscientizar-se sobre os cuidados com o ambiente; alimentação, saúde e higiene; experimentar, utilizar e pesquisar materiais e técnicas artísticas; desenvolver noção espacial, temporal e corporal, harmonizando de maneira integradora as potencialidades do educando; estimular a corporeidade e a assimilação da imagem corporal; proporcionar a vivência de jogos recreativos, educativos e cooperativos; compreender a importância da religiosidade e da valorização da vida; promover o diálogo, a fim de que haja uma

troca de experiências e vivências; promover a prática de bons atos e atitudes, em casa, na escola e na sociedade em geral.

Neste contexto, percebemos que os objetivos gerais são bem democráticos, buscando o desenvolvimento integral do aluno em todas as áreas do conhecimento, assim como um cidadão pleno, ciente e consciente de sua cidadania.

Nos objetivos específicos temos o detalhamento dos conteúdos a serem desenvolvidos, todos separados por disciplinas, sendo que não aparece como área do conhecimento e também não se faz presente a aprendizagem por projetos. Vejo neste contexto como a educação da EJA não mudou muito, mesmo com todas as reformas e fóruns de discussão que estão ocorrendo a nível, municipal, estadual e nacional.

Nota-se no ambiente escolar que os alunos ainda são meros receptores do conhecimento e não construtores de sua história escolar e de suas aprendizagens, visto que conteúdos e atividades vêm prontos, não são discutidos e construídos com os alunos.

A EJA tem em Paulo Freire seu maior referencial, mas, na prática, não se coloca nem seu método em prática, método este que busca a valorização dos saberes dos alunos a fim de construir junto um currículo a ser desenvolvido.

Conforme Freire (1996, p. 83): “O discurso ideológico nos ameaça de anestesiar a mente, de confundir, das coisas, dos acontecimentos [...]” Percebe-se que, dentro do currículo estabelecido para a EJA na rede onde realizei meu estágio (Sapucaia do Sul, RS) o mesmo está constituído de uma ideologia de formação de um ser completo, pleno, dentro de uma sociedade pré-estabelecida, seguindo, assim, também padrões e normas pré-determinadas. Seria como se a escola tivesse a função de moldar os analfabetos, visto que, na prática, não se levam em conta as aprendizagens e conhecimentos prévios que o educando traz consigo, aprendizagens de família, de trabalho, da sociedade em que está inserido, dos jornais, revistas e livros que possa ter

tentado ler ou ver, das notícias que traz do rádio e televisão, ou seja, do mundo letrado em que vivemos e que, com isto ele tem seus próprios conceitos e idéias sobre determinados temas e assuntos. Eles têm muitas informações para nos dar, mas muitos não se dão conta, e o professor não se dá conta de valorizar em suas aulas.

Cabe ao professor, em seu papel de formador, buscar estes conhecimentos ocultos no saber do educando e mostrar para eles que eles sabem muito além do currículo formal que nos é dado para desenvolver em sala de aula.

É necessário mostrar que uma boa educação e formação não se fazem apenas com o uso de livros didáticos, caderno, lápis, borracha e quadro verde. Ela se faz em construção, com troca de idéias e experiências, é o que chamamos de currículo oculto, aquele que não está programado, mas que pode surgir no decorrer da aula e ser muito bem trabalhado e desenvolvido por todos.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vem existindo, se não se reconhece a importância dos "conhecimentos de experiência feitos" com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (Freire, 1996, p. 37).

No início do estágio, uma das atividades era identificar o perfil da escola e com isto fui buscar este referencial no Projeto Político Pedagógico/PPP. Minha surpresa foi que a Educação de Jovens e Adultos não está contemplada no mesmo, sendo só citada.

Percebi com isto o quanto a EJA está desqualificada no contexto escolar, visto que nem é discutida. Resumindo, como ter um currículo específico para algo que praticamente é excluído do contexto escolar? Que valor é dado para o aluno desta modalidade?

Com isto, fica o questionamento: como o aluno da EJA está sendo visto? O que a escola está preparando para receber os alunos da EJA com relação ao currículo?

O currículo desta clientela não deve ser igual ao do ensino regular. Devemos levar em conta as aprendizagens e vivências que esses alunos trazem e também as suas características individuais e coletivas. Sim, pois não podemos pensar nos alunos somente com individualidade, mas, também, no coletivo visto que em alguns momentos se fazem presentes as diferenças de faixa etária, mesmo sendo maior o grupo de adolescentes. Como trabalhar junto ao currículo, também, a questão das diferentes faixas etárias?

METODOLOGIA DA EJA

Iniciei o estágio cheia de idéias e propostas. Princípios orientadores que foram utilizados no estágio: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e desta implica a continuidade da leitura daquele” (Freire, 2005, p.23).

Tenho como base a linha conceitual de Paulo Freire, que expõe um referencial progressista, na busca de um indivíduo crítico, transformador, interacionista, havendo uma interação entre o sujeito, meio e o mediador.

A partir de um tema gerador, o sujeito passa a reelaborar e produzir conhecimento, e, com isso, surge a curiosidade científica, a investigação e a criatividade. Nesse processo se fazem presentes a síncrese (visão inicial e atual do contexto), a análise (estudo, discussão e detalhamento do tema) e a síntese (visão ampla, aprofundada e crítica do tema).

Mas a realidade que encontrei foi bem diferente, conforme se pode perceber pela reflexão que fiz na segunda semana de estágio.

“Hoje, 22/04/10, faz uma semana que iniciei meu estágio. Está muito complicado, pois tenho bastante experiência com alfabetização de crianças e Pessoas com Necessidades Educativas Especiais (PNEE). Na EJA, com alfabetização é muito diferente, pois lidamos com adultos e adolescentes.

Estou tentando seguir a linha do interacionismo de Vygotsky, ou seja, aprender agindo e interagindo com o meio, misturada com as ideias de Paulo Freire sobre

educação popular. Mas não sei se estou no caminho certo. Mas está difícil, até porque a própria escola está passando por reformulações.

Neste semestre é que a escola está percebendo que tem que mudar a metodologia conteudista e partir para o trabalho com projetos de aprendizagens. A fim de alcançar seus objetivos junto à comunidade escolar que está muito infantilizada, na maioria das turmas a faixa etária é de 15 a 19 anos.

Na minha turma, desde que iniciei, todos os dias tenho uma média de dois alunos, dos oito matriculados. Dos dois ou três que vão, dois com certeza são PNEE. O trabalho com eles é muito diferente: tento buscar suas potencialidades e não me focar nas dificuldades. Com isso, realizo poucas atividades na noite, mas tento alcançar o máximo de sucesso com eles.

Devido a estes fatos, estou tendo dificuldades até em realizar o meu projeto para o estágio, pois ainda não consegui descobrir o que trabalhar e como trabalhar.

Mas neste fim de semana vou chegar a uma conclusão, pois não posso continuar sem um projeto e linha de trabalho para o estágio.”

Segundo Freire (1996, p. 52):

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnica, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re conhecer.

Refletindo sobre esta passagem do livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), base para o meu estágio e para a realização deste trabalho, percebi que, diante de tantas dificuldades encontradas, o melhor caminho foi o de ouvir o que os meus alunos

gostariam de aprender, ou seja, suas dúvidas, anseios, vontades, curiosidades, mas sem perder o foco nas aprendizagens. Nos momentos que traziam algum questionamento, tentava colocar na aprendizagem do dia ou reformulava meu planejamento a fim de que este determinado assunto fosse contemplado, na aula seguinte ou no próximo projeto a ser desenvolvido.

Como inicialmente tive dificuldades para trabalhar com um projeto só, durante todo o estágio optei por fazer projetos menores e por semana, pois assim tive oportunidade de desenvolver mais as minhas aulas e os alunos conseguiram se adaptar melhor a esta prática de ensino e à maneira nova de aprender e construir conhecimentos.

Não foi fácil, pois tive que inicialmente me adaptar à maneira deles aprenderem, eu passando todos os conteúdos, decidindo tudo para aos poucos ir introduzindo a maneira nova, que era com os projetos de aprendizagem, onde eles é que iriam escolher, decidir, opinar sobre o que e como pesquisar. Juntamente neste contexto se fez necessário que iniciassem a pensar mais, e com isto partindo de situações problema, questionar, problematizar, pesquisar, refletir, construir hipóteses, e formular conceitos através das atividades desenvolvidas.

Freire, em *Educação Como Prática da Liberdade* (1983, p.111), faz a seguinte afirmação com relação à alfabetização de adultos:

Implica, não em uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial [...] mas numa atitude de criação e recriação. Implica numa auto formação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto. Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas, oferecendo lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetize.

Uma semana muito produtiva foi a dos problemas matemáticos, pois foi a partir deles que os alunos se deram conta do quanto necessitavam pensar e principalmente compreender o que estavam lendo, que ler não é somente repetir o que está escrito, que tem que fazer sentido e estar inserido em um contexto. Esta semana ficou bem registrada na minha reflexão do estágio.

“Esta semana foi bem divertida, ao mesmo tempo em que os alunos “brigaram” bastante comigo conseguiram entender meus objetivos com eles, que era de coloca-los para pensar, e, com isto, valorizar seus saberes construídos durante suas trajetórias de vida.

Através dos problemas de matemática, consegui mostrar para eles o quanto é importante sabermos ler, compreender e interpretar vários tipos de textos. De início se mostraram contrariados, mas após algumas atividades perceberam como é importante prestar atenção a tudo que lêem, e principalmente entender e conseguir resolver.

O ponto em que consegui conquistá-los foi argumentando que: nas próximas etapas vão ter vários professores, com maneiras diferentes de lecionar e que vão ter muitos conteúdos, que eles necessitavam saber como ler os textos e problemas apresentados para conseguirem resolver e se darem bem nas avaliações.

Trabalhar com as três etapas juntas, que, na realidade, viraram duas porque da etapa I não está vindo ninguém, pensei que seria difícil, ainda mais porque a turma da etapa III tinha certa resistência a dois alunos. Na base da conversa consegui que a turma aceitasse os dois e, ao invés de ficarem criticando, os ajudasse, o que foi uma grande vitória, para mim e para a turma.

O lema desta semana foi pensar, pensar e pensar. Quando chego à aula eles chegam a dizer: *“O que tu vais fazer hoje para fundir nossas cabeças?”*.

Acredito que meu objetivo da semana foi alcançado, pois eles estão pensando mais, não só sobre os problemas de matemática, mas também sobre a vida e assuntos variados. Muitos momentos da aula são abertos para ficarmos conversando, onde eles contam histórias de vida e experiências que viveram.

Após esta semana, quando envolvi jogos, brincadeiras e atividades de raciocínio lógico matemático, percebi que o rendimento dos alunos melhorou bastante e constatei também que, para haver aprendizagem, não se faz necessário massacrar o aluno com exercícios repetitivos ou com atividades muito complexas. Se faz necessário, sim, sempre contextualizar as atividades desenvolvidas com a realidade da sala de aula e conforme o interesse do momento.”

PERFIL DO PROFESSOR DA EJA

Segundo Freire, ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes do educando, criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras por exemplo, aceitação do novo e rejeição à discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do inacabado, reconhecimento do ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos.

Com estas afirmações de Freire, me questiono: Onde está este educador que possui boa parte destas características? Pela experiência que tive no estágio, e pelos educadores que encontrei, percebi que muitos não possuem boa parte destas características. A meu ver, as fundamentais, que seriam o diálogo e a capacidade de escutar, não estão presentes, pois alguns educadores querem alunos que só obedeçam a ordens e assimilem conteúdos sem nenhum significado para eles, ou se têm algum significado para a vida diária não explicam para os alunos a sua utilidade, importância e relevância.

Percebe-se educadores, cansados, desestimulados, irritados com sua terceira jornada de trabalho, fato este presenciado na escola por alguns e também pelas notícias veiculadas na mídia. Os veículos de comunicação vêm trazendo várias reportagens alertando quanto ao nível de stress dos professores, em função da sobrecarga de trabalho, pois os professores não trabalham só na escola. Muitas vezes levam trabalho para casa, pois há uma parte burocrática da qual têm que dar conta, pois sempre têm que ter seus comprovantes a mão para justificar suas aprovações ou reprovações. Existe também a dificuldade que encontram em lidar com adolescentes, indisciplinados, revoltados, alguns usuários de drogas, carentes economicamente e afetivamente. São alunos que muitas vezes em sua rebeldia estão pedindo um olhar, um socorro, uma atenção para os seus dilemas da adolescência, um apoio que muitas vezes não têm em casa.

Neste contexto, o professor está ficando muito doente, fato este apresentado pelo número de atestados médicos e licença saúde que estão ocorrendo nas escolas. Com isto, muitos estão questionando: quem está olhando para o professor? Quem vai auxiliá-lo em suas dificuldades, angústias e questionamentos de como lidar com esta clientela nova com uma presença tão forte e ao mesmo tempo tão exigente?

O professor se questiona sobre o fato de que só trabalha e que os momentos de lazer são raros e que até os momentos com seus familiares, muitas vezes, só se fazem presentes quando alguém adoece, o que traz mais uma sobrecarga de dificuldades.

Os alunos são e estão difíceis de trabalhar: será que os professores estão tendo o apoio necessário para enfrentar esta realidade presente?

Pelo novo perfil dos alunos da EJA, é necessário que se faça presente também um novo perfil de escola e esta caminhada deve ser feita junto com a Secretaria de Educação, pois não adianta o professor só mudar, tem que mudar todo um sistema.

Assim como oferecem muita ajuda e apoio para os alunos, se faz necessário ajuda e apoio para os professores a fim de termos pessoas com mais saúde e qualidade de vida trabalhando.

O que todos queremos e buscamos é um educador mais aberto ao diálogo e à escuta, com flexibilidade em seus conteúdos a serem desenvolvidos, com aulas mais dinâmicas, que envolvam pesquisas e atividades mais práticas do que teóricas. Este novo educador tem que ter presente que, se ele está em seu terceiro turno, o aluno da sala de aula também, e, assim como ele, também traz uma história de vida e de conflitos diários que muitas vezes interferem no seu humor e estado emocional. Freire (1996, p. 22) afirma, com relação aos educadores:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Analisando a postura e as afirmações dos professores, principalmente nas reuniões gerais, ressalto que, no momento em que os professores estão se queixando questionando ou cobrando melhores condições de trabalho, isto nos mostra que eles estão, sim, pensando e refletindo na qualidade de seu trabalho com os alunos, pois se não estivessem comprometidos ou preocupados com os mesmos não reclamariam.

Percebo e entendo hoje o quanto foi importante a cobrança por parte dos nossos professores e tutores com relação ao nosso pensar e refletir sobre os diversos temas discutidos, as aprendizagens construídas e a nossa prática pedagógica. Durante a realização do estágio, os momentos de reflexão foram muito importantes, o sentar e planejar também. Atuando no magistério já há alguns anos, estas práticas de planejar e refletir se perdem um pouco, não que não ocorram, mas não com tanto aprofundamento.

Uma das questões que sempre ressaltar com relação ao trabalhar com a EJA foi o respeito ao aluno, registro este que se faz presente em Freire (1996, p. 36):

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, a prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mais impor ao educando a vontade de arrogante do mestre.

Assim como se deve o respeito ao aluno, deve-se o respeito ao professor, respeito ao seu trabalho e em muitos momentos ao que é oferecido em termos de qualidade para realizar este trabalho.

Sabemos que grande parte das pessoas não foi educada para impor as suas vontades, serem autoritários, mas, pelo desgaste emocional e físico do professor no exercício de sua função, percebe-se que esta autoridade em muitos momentos se faz presente como forma de rebeldia a um sistema que não oferece muitas condições de um trabalho adequado.

TENDÊNCIAS A NIVEL DE CURRÍCULO E METODOLOGIA:

Inicio este capítulo com a reflexão que fiz sobre minha última semana de estágio.

Por mais que eu tente, não consigo fazer um planejamento meu para a turma. Na sexta feira passada, a direção da escola me passou que a partir desta semana seria trabalhado um projeto sobre drogas, que cada etapa teria que desenvolver um tema, que alunos e professores teríamos palestras sobre o tema.

Resolvi, então, colocar para a minha turma fazer pesquisa sobre os vários tipos de drogas e suas conseqüências no organismo e na vida da pessoa. Surpreendi-me, pois os alunos se interessaram bastante, pesquisaram no Labim, e trouxeram muitos relatos de 'conhecidos'. Esta atividade serviu para mostrar que quando o assunto é interessante para eles, assunto que eles sabem um pouco, ou têm curiosidade de aprender mais, as aulas fluem livremente. Consegui montar o painel com perguntas mais comuns sobre drogas. Utilizamos bastante o Labim, pesquisando sobre o tema, buscando gravuras e até reportagens de como as famílias se sentem com relação aos usuários, o sofrimento que é para elas.

Houve uma noite em que nós ficamos nos dois primeiros períodos conversando sobre as perguntas que pesquisaram, e eu aprendi muito com eles, e depois conseguimos montar o nosso painel. Foi uma noite tranquila, sendo que consegui

envolver todos os alunos, e ninguém ficou pedindo para sair da aula para beber água ou ir ao banheiro. Percebo que, na EJA, com a clientela de hoje, o mais importante é discutir temas que eles vivenciam, onde sabem muito, mas também desconhecem muitas coisas.

Confesso que, de início, pensei que o tema não seria bom, mas, com o decorrer da semana, percebi que com este tema vou conseguir alcançar muito objetivos, principalmente se simplesmente ouvir os alunos e não os criticar, mas simplesmente conversar e tentar orientar para um caminho melhor. Neste momento, percebo e volto a dizer que os alunos muitas vezes na sua rebeldia estão pedindo um olhar, alguém que os escute e os oriente.

Após a execução e desenvolvimento deste projeto, pode-se dizer claramente que os alunos aprendem muito mais e têm mais interesse quando propomos para eles um assunto que os instigue e provoque para pesquisa. Isto mostra como é importante sabermos quais os interesses dos alunos, entrelaçado com suas experiências de vida.

A aprendizagem por projetos é uma forma de ensinar que está tomando conta das redes de ensino e com isto está chegando à EJA também. Os projetos são uma forma de trabalho que garante o aprofundamento num determinado assunto e ou sobre um aspecto específico. Ao pensar neste trabalho com projetos, o professor deve considerar o interesse dos alunos, o que já sabem sobre o tema e qual aspecto será investigado com maior ênfase.

Para trabalhar com projetos, é necessário que o professor tenha plena consciência de quais são as necessidades de seus alunos. É importante desmembrar o tema por partes, para não ficarem assuntos soltos, mas, ao contrário, relacionados e focados nos interesses dos alunos.

As partes de um projeto são: Justificativa, objetivos para os alunos, objetivos para o professor, objetivos compartilhados, conteúdos, estratégias, etapas previstas e a

avaliação de como se deu e de quais os resultados positivos ou negativos do trabalho. É importante que a avaliação seja diária, para termos um planejamento seguro no dia seguinte, pois os projetos podem ser desenvolvidos a curto, médio ou longo prazo.

Trabalha-se por projetos com as crianças, e com os adultos também é possível visto que possuem uma caminhada de vida muito maior que as crianças. Mas em termos de curiosidades e vontade de aprender são muito semelhantes, basta o assunto ser do interesse deles.

Para este tipo de aprendizagem ser inserida nas escolas, se faz necessária uma reformulação de tudo e de todos, principalmente da forma de vermos a educação, entendendo que a mesma não se dá só do professor para o aluno, mas na troca de conhecimentos, vivências e experiências. Na realidade, se faz necessária até uma cumplicidade entre todo o corpo da instituição: direção, professores, funcionários, alunos, familiares e a comunidade onde está inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se formou e se estruturou a partir dos questionamentos surgidos durante a minha prática de estágio. Não foi fácil desenvolver este trabalho, pois se não estivesse em estágio acredito que seria possível estar trabalhando na Educação de Jovens e Adultos com as mesmas manias dos que já atuam há bastante tempo nesta área, pois, quando entramos em um contexto, se não temos uma opinião formada, os argumentos dos que já estão atuando há muito tempo podem nos influenciar.

Foi bom ter iniciado na EJA enquanto estava em formação acadêmica, pois, com isto, entrei com um olhar crítico e questionador. Sei que este olhar crítico e questionador foi bem forte, pois, no desenvolver do meu trabalho, percebi que só critiquei o que presenciei. O que percebo de bom nisto é que este olhar me levou a refletir muito e buscar formas de tentar melhorar a situação e o momento que estava vivenciando.

Apesar de ter feito uma crítica muito grande com relação ao perfil dos professores, posso dizer agora que, em função de mudanças que ocorreram no quadro da escola, as atitudes no final do estágio estavam mudando e continuam até hoje.

Por este motivo, volto a ressaltar que a postura do professor e as atitudes que ele tem com seus alunos é muito importante para a formação dos mesmos, mas isto se faz possível a partir do momento em que o grupo para, para pensar e refletir de que forma se pode melhorar o seu trabalho, o do grupo e a aprendizagem do aluno.

Mudando a postura do professor, juntamente com a flexibilização da direção da escola, muda todo um sistema e, com isto, as afirmações críticas que fiz, relacionando com a fundamentação teórica de Paulo Freire, estão sendo aos poucos colocadas em prática, o que me faz acreditar que estou no caminho certo dentro do que acredito para a formação dos jovens e adultos.

Iniciei na minha turma com pequenos projetos de aprendizagem. A direção, a supervisão e o novo grupo de professores que se formou na escola e que acompanhou este trabalho, presenciaram um resultado muito bom, e, com isto, resolveram ampliar para toda escola, fato este que aconteceu na última semana de estágio conforme relato anteriormente em *“Tendências a nível de currículo e metodologia”*. É claro que esta mudança não se deu somente pelo meu trabalho. Houve também a mudança da equipe diretiva que entrou com este olhar de trabalhar e desenvolver Projetos.

O que são os projetos? São assuntos trabalhados a partir do interesse e curiosidade do aluno sem perder o foco no currículo pré-determinado. Desenvolver projetos dentro de uma escola que tem como base principal que a aprendizagem se dá como ela determina é difícil. Para isto ocorrer, os professores têm que estar comprometidos com o trabalhar em equipe, respeitar as necessidades ou curiosidades do aluno, ter tempo para pesquisar, planejar, pensar, conhecer os alunos em suas especificidades e, com isto, ser flexível, formar um time de trabalho onde se façam presente direção, funcionários e alunos.

A fim de desenvolver um bom projeto, se faz necessário: tempo, pesquisa, estudo, organização de espaços, aproveitamento de materiais e recursos (os que estiverem disponíveis), ouvir os estudantes, reestruturar a sala de aula para a exposição dos trabalhos desenvolvidos, ensinar os alunos a trabalhar em equipe, incentivar a pesquisa, valorizar o erro que também é uma forma de construir aprendizagens, e, principalmente, muita reflexão de quem está desenvolvendo este projeto, para pensar sobre o que está certo, o que deu errado como e porquê e o que pode ser melhorado.

A avaliação deve ser feita em conjunto com todos que fizeram parte deste contexto, aluno, professor, equipe diretiva, funcionários e comunidade em geral. Falo em comunidade, pois um projeto, para ser plenamente desenvolvido, necessita da participação de todos que estão envolvidos com a aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

ARMELLINI, Neusa Junqueira e outros (coord.). *Alfabetização de adultos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS e Edições EST, 1993.

MRC. Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular -1º segmento. Coordenação e texto final de Vera Maria Masagão Ribeiro. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>

FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MEC. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/linksCursosMateriais.html?categoria=23>

http://www.pensador.info/frase_de_educacao_de_jovens_e_adultos/8/